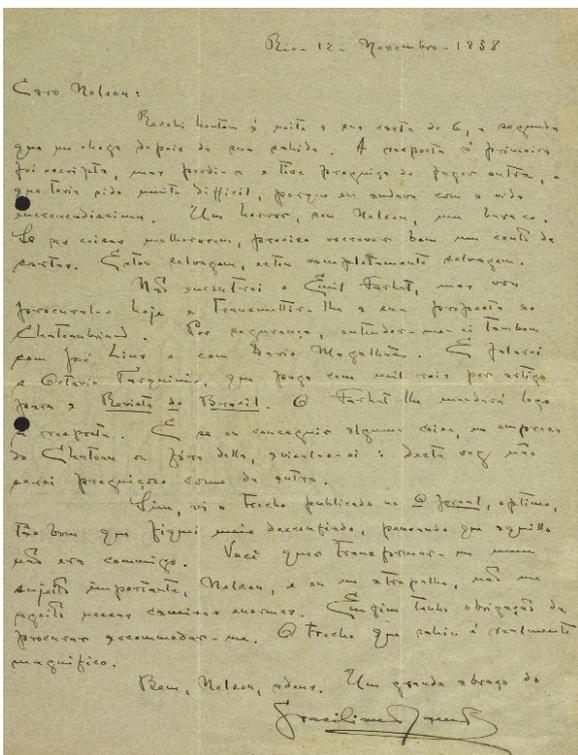


ESTRATÉGIAS DE LEITURA I: TÉCNICAS

1. INTRODUÇÃO



Ler e escrever são práticas sociais fundamentais para o exercício da cidadania e cruciais para diversas outras esferas da atividade humana. No contexto acadêmico, são as práticas mais importantes. Desde os primeiros momentos da alfabetização até as atividades de pesquisa nas pós-graduações, os sujeitos criam, adquirem e compartilham seus conhecimentos ao ler e ao escrever. Sendo assim, as universidades, por meio de seus concursos vestibulares, buscam candidatos capazes de ler e escrever com proficiência e criticidade. Por isso, em um exame vestibular, você precisará lidar com textos de diferentes gêneros, que possuem diferentes temas, estilos e construções composicionais. Eles aparecerão não apenas nas questões de Língua Portuguesa, mas em todas as outras, já que os vestibulares entendem que a multidisciplinaridade é algo a ser trabalhado. Tendo como objetivo prepará-lo adequadamente para essas situações de leitura, oferecemos, neste capítulo, diferentes estratégias para a compreensão de textos, que devem ser levadas em consideração tanto na leitura dos textos de Interpretação de Textos, Gramática, Literatura, Obras Literárias e Redação.



Carta de Graciliano Ramos a Nelson Werneck Sodré.

A leitura faz parte de nossa vida cotidiana e não temos dificuldade para identificar um texto quando tomamos contato com um. Entretanto, para que sejamos capazes de traçar estratégias para a compreensão deles, é fundamental que partamos de uma definição formal de sua natureza e, para isso, utilizaremos a formulação de Koch e Elias (2021):

“[texto é] lugar da interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações linguísticas e socio-cognitivas, constroem objetos de discurso e propostas de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes põe à disposição. A essa concepção subjaz, necessariamente, a ideia de que há, em todo e qualquer texto, uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis pela mobilização do contexto sociocognitivo no interior do qual se movem os atores sociais.”

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2021. 216 p. ISBN 978-85-7244-327-2.

De acordo com a definição das autoras, um texto não é apenas um amontoado de palavras dispostas em uma ordem, que pode ser decodificado por meio de ações lógicas e semânticas. Os textos fazem parte da realidade social à qual pertencemos, e seu sentido apenas pode ser compreendido levando em conta os conhecimentos pertencentes a ela. Além disso, pressupõem interação, ou seja, diálogo entre sujeitos sociais, pois, neles, uma pessoa/grupo/instituição se comunica com outra pessoa/grupo/instituição. Sendo assim, as estratégias que precisamos adotar para termos uma leitura eficiente vão muito além da compreensão das minúcias gramaticais dos textos, envolvendo a compreensão de pressupostos, implícitos, intertextualidades e contextos de produção. Em suma, ao ler um texto, mobilizamos nossas habilidades de compreensão e interpretação, que possuem como elementos básicos:

- Conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores
- Estratégias linguísticas
- Estratégias cognitivo-discursivas
- Levantamento de hipóteses
- Validação de hipóteses
- Refutação de hipóteses
- Preenchimento de lacunas.

Por fim, compreendamos também a ideia de leitura por meio da formalização oferecida por Koch e Elias (2021), que defendem que ler é

“tomando como ponto de partida as pistas que o texto lhes oferece, construir para ele um sentido que seja compatível com a proposta apresentada pelo seu produtor”.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2021. 216 p. ISBN 978-85-7244-327-2.

2. VAMOS ÀS ESTRATÉGIAS?

2.1. COMO LER UM TEXTO



Confira uma lista dos passos básicos para a leitura de um texto.

- 1º) Leia o título e a fonte. Por meio desses elementos, busque recuperar de seu repertório sociocultural informações que possam ser relevantes. Breve e mentalmente, levante hipóteses sobre o conteúdo, o autor, o ponto de vista (se presente) e a forma. Preste atenção à quantidade de e ao tamanho dos parágrafos.
- 2º) Se possível, identifique o tema e, então, comece a ler. Se não for possível, parta direto para a leitura.
- 3º) Não hesite em grifar, pintar, rasurar e anotar enquanto lê. Utilizar a escrita pode ser fundamental para se manter atento.
- 4º) Se você estiver em um contexto que não seja o de uma prova, grife todas as palavras que não conhece e procure o sentido delas em um dicionário.
- 5º) Caso o texto utilize também elementos não-verbais, como imagens e desenhos, busque relacioná-los aos verbais.
- 6º) Atente-se ao fato de que muitos textos seguem o formato introdução, desenvolvimento e conclusão, nessa ordem. Sendo assim, nos parágrafos iniciais geralmente há a apresentação; nos parágrafos intermediários, a expansão; nos finais, o fechamento. O mesmo ocorre com os parágrafos, nos quais a divisão se dá em períodos.
- 7º) Ao ler, busque identificar os elementos mais relevantes. Se, no início, essa tarefa for muito difícil para você, não hesite em grifar esses trechos e anotar ao lado deles “Importante”. Aos poucos, sua leitura se tornará mais fluida e veloz.

8º) Busque entender as relações que se estabelecem entre os elementos (frases, períodos e palavras).

9º) Levante hipóteses sobre os sentidos descobertos por você ao longo da leitura e busque validá-las ou refutá-las com seu conhecimento de mundo.

Seguindo essas primeiras instruções, você será capaz de lidar com a maioria dos textos e entender capítulos de material teórico, trechos de coletâneas e textos presentes em questões. Entretanto, algumas leituras são mais desafiadoras e exigem de nós estratégias avançadas, como as apresentadas a seguir.

3. INFERÊNCIAS



Inferir significa concluir algo a partir de uma informação já conhecida. Se você já assistiu algum filme de investigação policial ou é familiar com os personagens Sherlock Holmes e Arsène Lupin, sabe muito bem do que estamos falando aqui. Holmes, o mais famoso dos detetives, é famoso por ser capaz de tirar as conclusões mais certas utilizando os elementos mais inesperados. Veja este exemplo, no qual ele explica à Watson como foi capaz de saber diversos detalhes sobre ele a partir da observação:

“Eu sabia que você vinha do Afeganistão. Por força de um hábito antigo, o encadeamento de ideias correu tão depressa pela minha mente que cheguei à conclusão sem ter consciência dos passos intermediários. Esses passos existiram, contudo. O encadeamento de ideias foi: ‘Aqui está um homem com jeito de médico, mas com ar de militar. Claramente um médico do Exército, portanto. Acaba de chegar dos trópicos, pois seu rosto está escuro, e essa não é a tonalidade natural de sua face, pois seus punhos são claros. Ele passou por penúrias e doenças, como seu rosto abatido revela claramente. Foi ferido no braço esquerdo, pois o mantém numa posição rígida e pouco natural. Onde nos trópicos um médico do Exército poderia ter encontrado tantas privações e sido ferido no braço? Claramente no Afeganistão.’ Todo o encadeamento de ideias não demandou um segundo. Comentei então que você vinha do Afeganistão e o deixei pasmo.”

DOYLE, Sir Arthur Conan. *Um estudo em vermelho*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. ISBN 978-85-378-1105-4.

Assim como Sherlock Holmes, ao ler um texto precisamos depreender de seus elementos informações que não estão explícitas. Isso não significa, entretanto, que podemos concluir o que quisermos dos períodos, frases e palavras, mas que devemos encontrar nexos plausíveis e tirar conclusões a partir deles. Por isso, dizemos que a leitura demanda a compreensão de pressupostos e implícitos.

4. PRESSUPOSTOS E IMPLÍCITOS



Os pressupostos são elementos tomados pelo autor como antecedentes necessários do que está sendo dito, motivo pelo qual a ausência de sua consideração acarreta a impossibilidade de compreensão do texto. Os implícitos, por sua vez, representam aquilo que fica subentendido, pelo contexto. Para que eles sejam explicitados, o leitor precisa resgatar informações contextuais e confrontá-las com o que está sendo dito, confirmando assim as hipóteses que levantou. Eles estão sempre associados aos pressupostos.



GALHARDO, Caco. Daiquiri. São Paulo, 11 jan. 2023. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#11/11/2023>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Nesse cartum, podemos concluir que o personagem Valter tem ódio no coração e também que antes era socialmente aceitável nutrir tal tipo de sentimento. Como sabemos disso? No segundo quadrinho, quando o homem de barba diz "Está na hora de você arrancar esse ódio no seu coração", por meio do verbo "arrancar", conclui-se que "ódio" está instalado no coração de Valter, já que apenas se arranca o que ocupa um determinado lugar. Conclui-se que antes o sentimento podia permanecer onde está por meio da sequência estabelecida pelas falas do interlocutor de Valter no primeiro e no segundo quadrinho, já que a necessidade de arrancar o ódio é precedida pela consideração "Os tempos mudam, Valter".



ITURRUSGARAI, Adão. A vida como ela yeah. São Paulo, 11 jan. 2023. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#11/11/2023>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Nesse exemplo, está pressuposto o fato de comentários ofensivos e criminosos terem se tornado comuns nos ambientes virtuais. Somente por meio de tal pressuposição é possível inferir que o personagem está acessando a internet para fazer comentários e que as palavras escritas em seu corpo são consideradas pelo autor como atributos daqueles que criminosamente agredem outras pessoas nas redes sociais e em comentários de veículos informativos.

5. INTERTEXTUALIDADE

Considere o cartum abaixo



Para entender o humor do texto, é necessário relacionar os enunciados “O rinoceronte otimista” e “Os cristais estão meio inteiros” ao enunciado da cultura popular que afirma “O otimista vê o copo meio cheio; o pessimista vê o copo meio vazio”. Essa relação, que constitui o texto acima, é chamada de intertextualidade, ou seja, a relação estabelecida entre textos, nos quais um faz referência ao outro. A intertextualidade pode tanto se efetivar no conteúdo quanto na forma. Sendo assim, em muitas situações, você precisará recuperar a intertextualidade para entender um texto.

EXERCÍCIOS DE SALA

- (UNICAMP 2023)** Chargistas fizeram, a convite, releituras da obra de Pedro Américo, publicadas no Caderno Especial Independência 200, da Folha de São Paulo, em 7 de setembro de 2022. Leia o depoimento e a charge da Laerte publicados nesse Caderno.

...sido batidas e quantas faltavam para o filme terminar. Abri a máquina pra conferir. Alguém me alertou, mas era tarde. Perdi todas, pobre Pedro Américo. Daí pra frente não consigo pensar no quadro sem lembrar as tecnologias que tanto me desorientam. (Adaptado)

Texto 1

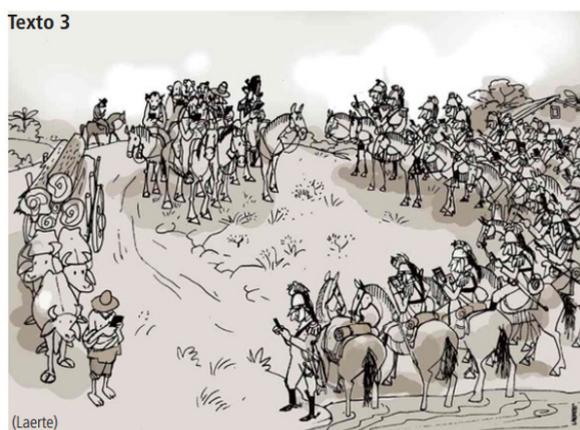


Independência ou Morte, de Pedro Américo (1888)

Texto 2

Conheci o quadro numa visita escolar ao Museu Paulista, devia ter 10 anos. Me deram uma máquina fotográfica (parecia uma caixa, abria e se colocava o filme lá dentro). Alguém tinha colocado pra mim um filme de 36 poses. Fiz fotos de tudo que me pareceu lindo ou importante, a pintura do Pedro Américo fazia parte. No final da visita, dei uma olhada num pequeno visor que mostrava quantas fotos tinham

Texto 3



- Explique por que a charge (texto 3) pode ser considerada uma releitura da obra de Pedro Américo (texto 1). Fundamente sua explicação com elementos da charge.
- Transcreva o trecho do texto 2 que traduz o sentimento da Laerte em relação ao quadro, após a visita ao Museu Paulista. Como esse sentimento se reflete na releitura que faz do quadro?

2. (UNICAMP 2023)

É sobre isso e (não) está tudo bem

De tanto que o bordão se espalhou, os brasileiros querem saber: o tão falado “é sobre isso” é sobre o quê? A frase está por todo lado e em qualquer contexto – e sua principal função parece ser confirmar o que foi dito anteriormente. Há quem não suporte mais ouvi-lo. Como que prevendo essa discordância entre adeptos e detratores, os usuários da expressão passaram a acrescentar “e tá tudo bem” ao final da frase.

Segundo Luana de Conto, professora de Linguística na UFPR, a peculiaridade do bordão é o uso do “isso” como termo coringa, que remete a entidades abstratas. Essa abstração permite que se encaixe em basicamente qualquer assunto.

– O “isso” pode às vezes retomar um fato, uma afirmação, e todo um contexto comunicativo, explica de Conto.

O bordão pode também ser associado a uma cultura de positividade.

– Para mim, a frase remete a algo positivo, sim – diz a influenciadora Larissa Tomásia, que participou do BBB22. – Ela conforta. Uso em todos os meus vídeos nas redes sociais.

Tanta positividade pode não ser muito... positivo. Frases feitas repetidas à exaustão podem acabar escondendo sentimentos como a tristeza e a dor.

– Hoje, com as redes sociais, há uma necessidade de mostrar que estamos sempre bem o tempo todo – diz Larissa Polejack Brambatti, professora da UnB e especialista em saúde mental. – Só que ninguém está sempre bem. É preciso tomar cuidado com uma cultura de não entrar em contato com os sentimentos.

(Adaptado de TORRES, Bolívar. *O Globo, Segundo Caderno*, p. A1-A2, 24/04/2022.)

- A partir do exemplo mencionado no texto e dos seus conhecimentos, defina o que é um “bordão”. O que teria facilitado, de acordo com o texto, o uso de “é sobre isso” como um bordão?
- O texto menciona visões distintas sobre os usos de “é sobre isso”. Quais são essas visões? Como o texto remete implicitamente a tais visões antes de explicitá-las?

3) (UNICAMP – 2023 - ADAPTADA) O livro *Tarde* (1919), de Olavo Bilac, abriga um de seus sonetos mais conhecidos, “Língua Portuguesa”, transcrito a seguir. Décadas depois, Caetano Veloso evocou esse poema na canção “Língua”, da qual citamos, também abaixo, a primeira parte e o refrão:

Língua Portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e amor sem brilho!

* ganga: material sem valor comercial, misturado aos minérios que se buscam no processo de mineração.

** clangor: som forte e agudo de alguns instrumentos de sopro.

*** trom: estrondo

**** procela: forte tempestade marítima

***** arrollo: canto para adormecer crianças

(BILAC, Olavo. *Tarde*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1919, p. 16-17.)

Língua

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões

Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões de prosódias
E uma profusão de paródias

Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões

Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa

E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade

E quem há de negar que esta lhe é superior?
E quem há de negar que esta lhe é superior?

E deixe os Portugais morrerem à míngua
“Minha pátria é minha língua”

Fala Mangueira! Fala!

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica Latim em pó
O que quer

O que pode esta língua? (...)

(VELOSO, Caetano. *Album Velô*, Philips LP, 1984.)

Comparando os textos de Olavo Bilac e de Caetano Veloso, identifique e explique uma das formas pelas quais o segundo autor revisita o primeiro.

4. (FUVEST 2022)

Ela desatinou

*Ela desatinou
Viu chegar quarta-feira
Acabar brincadeira
Bandeiras se desmanchando
E ela inda está sambando*

*Ela desatinou
Viu morrer alegrias
Rasgar fantasias
Os dias sem sol raiando
E ela indo está sambando*

*Ela não vê que toda gente
Já está sofrendo normalmente
Toda a cidade anda esquecida
Da falsa vida da avenida onde*

*Ela desatinou
Viu chegar quarta-feira
Acabar brincadeira
Bandeiras se desmanchando
E ela inda está sambando*

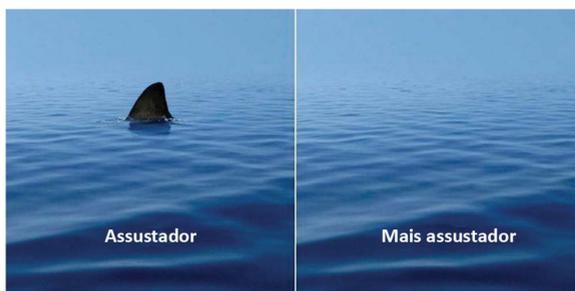
*Ela desatinou
Viu morrer alegrias
Rasgar fantasias
Os dias sem sol raiando
E ela inda está sambando
Quem não inveja a infeliz
Feliz no seu mundo de cetim
Assim debochando
Da dor, do pecado
Do tempo perdido
Do jogo acabado*

Chico Buarque de Hollanda, 1968.

Explique quais são os universos em oposição apresentados na letra da canção e exemplifique com dois versos.

5. (FUVEST 2022)

Texto 1



EXPLOITING THE ECOSYSTEM ALSO THREATENS HUMAN LIVES. WWF FOR A LIVING PLANET. WWF.ORG

Disponível em: <https://www.publicitarioscriativos.com/21-propagandas-surpreendentemente-criativas/>. Traduzido e adaptado.

Texto 2

Por respeito à natureza, artista Tikuna levou 16 anos para criar um cocar

As primeiras penas de gavião real que conseguiu chegaram em 2005. Um amigo o encontrou na aldeia certa vez e ofereceu algumas penas do animal que tinha encontrado morto no meio do mato tempos antes. “Depois, em 2011, um cacique me disse que tinha algumas também, perguntou se eu queria, eram umas oito. Juntando com as que eu tinha, já dava para fazer um pedaço do cocar”, conta José Tikuna.

Para completar a peça, ele precisou contar com mais doações de amigos e conhecidos. José mesmo chegou a rodar pela floresta atrás das penas do bicho, mas não encontrava nada. Os anos passavam, e ele seguia procurando e esperando.

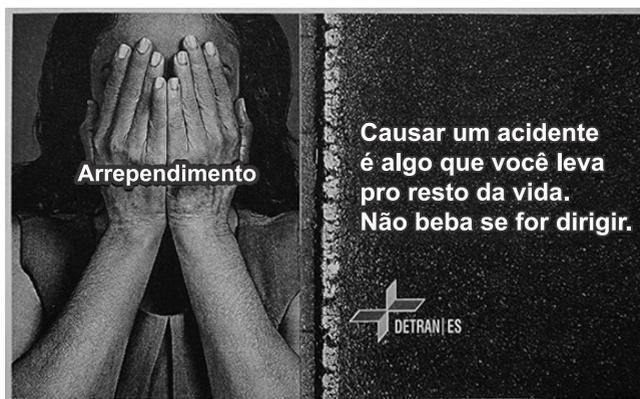
Só em 2014 encontrou novas penas. Dessa vez, um colega o procurou para que ele usasse seus dotes artísticos para criar um amarrador de cabelo com pena. José topou fazer e ainda conseguiu ficar com algumas para colocar em seu cocar.

José lembra das conversas com amigos tocadores de tambor que sempre falam que se um animal ou uma árvore sofreu ou morreu para que conseguissem produzir o instrumento musical, o mínimo que eles deveriam ter é respeito.

Paula Rodrigues. Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/08/por-respeito-a-natureza-artista-tikuna-levou-16-anos-para-criar-um-cocar.htm>. 08/09/2021. Adaptado.

Explique o sentido da expressão “mais assustador” no contexto do anúncio, comparando-a com o processo de produção do cocar mencionado na notícia.

6. (ENEM 2022)

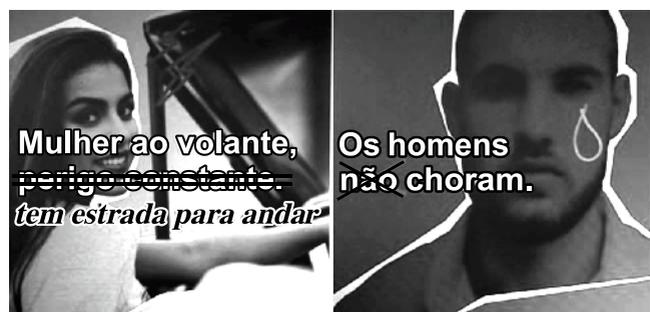


Disponível em: www.portaldapropaganda.com.br. Acesso em: 29 out. 2013 (adaptado).

Para convencer o público-alvo sobre a necessidade de um trânsito mais seguro, essa peça publicitária apela para o(a)

- sentimento de culpa provocado no condutor causador de acidentes.
- dano psicológico causado nas vítimas da violência nas estradas.
- importância do monitoramento do trânsito pelas autoridades competentes.
- necessidade de punição a motoristas alcoolizados envolvidos em acidentes.
- sofrimento decorrente da perda de entes queridos em acidentes automobilísticos.

7. (ENEM 2022)



Disponível em: <https://viva-porto.pt>. Acesso em: 24 nov. 2021 (adaptado).

A articulação entre os elementos verbais e os não verbais do texto tem como propósito desencadear a

- a) identificação de distinções entre mulheres e homens.
- b) revisão de representações estereotipadas de gênero.
- c) adoção de medidas preventivas de combate ao sexismo.
- d) ratificação de comportamentos femininos e masculinos.
- e) retomada de opiniões a respeito da diversidade dos papéis sociais.

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A ciência em si

Se toda coincidência
Tende a que se entenda
E toda lenda
Quer chegar aqui
A ciência não se aprende
A ciência apreende
A ciência em si

Se toda estrela cadente
Cai pra fazer sentido
E todo mito
Quer ter carne aqui
A ciência não se ensina
A ciência insemina
A ciência em si

Se o que se pode ver, ouvir, pegar, medir, pesar
Do avião a jato ao jabuti
Desperta o que ainda não, não se pôde pensar
Do sono eterno ao eterno devir
Como a órbita da Terra abraça o vácuo devagar
Para alcançar o que já estava aqui
Se a crença quer se materializar
Tanto quanto a experiência quer se abstrair
A ciência não avança
A ciência alcança
A ciência em si

ARNALDO ANTUNES e GILBERTO GIL
Adaptado de fiocruz.br.

1. (UERJ 2022) Na letra da música, observa-se uma estrutura que se repete nas três estrofes, construindo um raciocínio típico do pensamento científico. Esse raciocínio, que pode ser representado pela fórmula "se x, logo y", encontra-se no campo argumentativo da:
 - a) dedução
 - b) indução
 - c) contestação
 - d) exemplificação

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Morro velho

No sertão da minha terra,
fazenda é o camarada que ao chão se deu.
Fez a obrigação com força,
parece até que tudo aquilo ali é seu.
Só poder sentar no morro e ver tudo verdinho,
lindo a crescer.
Orgulhoso camarada, de viola em vez de enxada.

Filho do branco e do preto,
correndo pela estrada atrás de passarinho.
Pela plantação adentro,
crescendo os dois meninos, sempre pequeninos.
Peixe bom dá no riacho de água tão limpinha,
dá pro fundo ver.
Orgulhoso camarada conta histórias pra moçada.

Filho do sinhô vai embora,
tempo de estudos na cidade grande.
Parte, tem os olhos tristes,
deixando o companheiro na estação distante.
"Não me esqueça, amigo, eu vou voltar."
Some longe o trenzinho ao deus-dará.
Quando volta já é outro,
trouxe até sinhá-mocinha para apresentar.
Linda como a luz da lua
que em lugar nenhum rebrilha como lá.
Já tem nome de doutor
e agora na fazenda é quem vai mandar.
E seu velho camarada
já não brinca, mas trabalha.

MILTON NASCIMENTO
Adaptado de miltonnascimento.com.br.

2. (UERJ 2021) fazenda é o camarada que ao chão se deu. (l. 2)

No verso da canção de Milton Nascimento, o poeta apresenta uma definição da palavra "fazenda".

Com base na primeira estrofe, essa definição destaca o seguinte elemento do contexto descrito:

- a) riqueza da propriedade
- b) expectativa de liberdade
- c) dedicação do trabalhador
- d) necessidade de autonomia

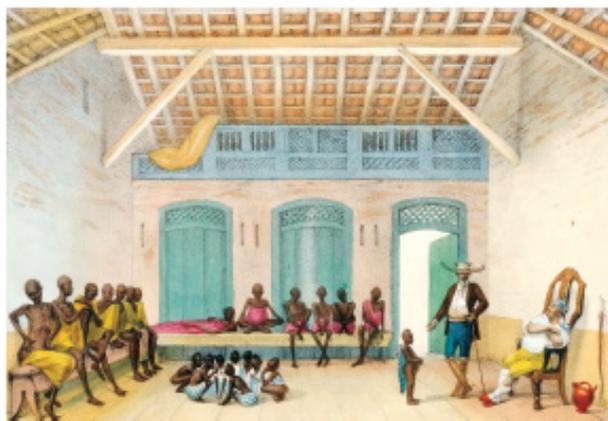
TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Lugares de memória: para não esquecer

O Cais do Valongo, principal porto de entrada de escravizados das Américas, recebeu em 2017 o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Unesco. A distinção define o Valongo, localizado na região portuária do Rio de Janeiro, como ¹um “lugar de memória”, ao lado de outros, como o campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, ou a cidade de Hiroshima, no Japão.

Inaugurado em 1811, o cais logo se converteu no principal ponto de desembarque de ²africanos escravizados das três Américas. Localizado a poucos passos do Palácio Real, não era raro aos monarcas brasileiros ver os africanos, apressadamente desembarcados, sendo separados de suas famílias, limpos, vestidos, pesados, tendo seus corpos marcados a ferro.

Começava, então, uma nova viagem. Dessa vez, rumo à tentativa de ³desterritorialização e de invisibilização dos africanos, de quem se procurava apagar a memória, qualquer laivo de identidade e orgulho que carregavam de suas nações. Vários viajantes passaram pelo Valongo e constataram o triste espetáculo que se apresentava naquele mercado, dentre eles o artista Jean-Baptiste Debret (1768-1848).



“Mercado de escravos” (c. 1821), de Debret.

Em sua aquarela, aparecem os mesmos “esqueletos” descritos em texto. À direita, o comerciante gorducho (cuja barriga simboliza a fatura) negocia com o proprietário de terras, com seu chapéu e bengala, os detalhes da venda do pequeno garoto postado à sua frente. O artista francês fez questão de caprichar no vazio do ambiente, e nos africanos sem rosto, quase nus, que apenas aguardam pelo destino nas Américas. Um ⁴desterro forçado nos campos tropicais do ⁵Brasil.

Em 1911, o Cais do Valongo foi aterrado, da mesma maneira como se tentou esconder e esquecer “os males e as lembranças dos tempos da escravidão”. Esse era o discurso civilizatório da Primeira República, que procurava jogar para o Império a conta da escravidão, cuja culpa é de todos nós.

“Redescoberto” 100 anos depois, o Cais do Valongo é hoje um sítio arqueológico que expõe na nossa atualidade as perversões do sistema ⁶escravocrata, mas também testemu-

na a resistência dessas populações. Trata-se do mais importante acervo de vestígios materiais e simbólicos localizados fora da África, com quase 500 mil itens.

A expressão “lugar de memória” foi criada pelo historiador francês Pierre Nora. Seu objetivo era justamente evitar o desaparecimento dos registros históricos, como arquivos, monumentos, museus e certos espaços específicos. Podem ser desde objetos materiais e concretos até vestígios imateriais e orais. O importante, porém, é que eles só se convertem, efetivamente, em “lugares de memória”, se a imaginação coletiva investi-los como lugares simbólicos.

Conforme define Alberto da Costa e Silva: “O Brasil é um país extraordinariamente ⁷africanizado. E só a quem não conhece a África pode escapar o quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver e no sentimento estético do ⁸brasileiro. Por sua vez, em toda a costa atlântica da África, podem-se facilmente reconhecer os brasileiroismos. O ⁹escravo ficou dentro de nós, qualquer que seja nossa origem.”

LILIA MORITZ SCHWARCZ

Adaptado de nexojournal.com.br, 31/07/2017.

3. (UERJ 2021) Ao final do texto, a autora expõe um posicionamento de Alberto da Costa e Silva.

Segundo esse especialista, entre Brasil e países da África construiu-se uma relação cultural de:

- a) trato indiferente
- b) influência mútua
- c) tolerância forçada
- d) antagonismo puro

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Três teses sobre o avanço da febre amarela

Como a febre amarela rompeu os limites da Floresta Amazônica e alcançou o Sudeste, atingindo os grandes centros urbanos? A partir do ano passado, o número de casos da doença alcançou níveis sem precedentes nos últimos cinquenta anos. ¹Desde o início de 2017, foram confirmados 779 casos, 262 deles resultando em mortes. Trata-se do maior surto da forma silvestre da doença já registrado no país. Outros 435 registros ainda estão sob investigação.

Como tudo começou? Os navios portugueses vindos da África nos séculos XVII e XVIII não trouxeram ao Brasil somente escravos e mercadorias. ²Dois inimigos silenciosos vieram junto: o vírus da febre amarela e o mosquito *Aedes aegypti*. A consequência foi uma série de surtos de febre amarela urbana no Brasil, com milhares de mortos. Por volta de 1940, a febre amarela urbana foi erradicada. Mas o vírus migrou, pelo trânsito de pessoas infectadas, para zonas de floresta na região Amazônica. No início dos anos 2000, a febre amarela ressurgiu em áreas da Mata Atlântica. Três teses tentam explicar o fenômeno.

Segundo o professor Aloísio Falqueto, da Universidade Federal do Espírito Santo, “uma pessoa pegou o vírus na Amazônia e entrou na Mata Atlântica depois, possivelmente

na altura de Montes Claros, em Minas Gerais, onde surgiram casos de macacos e pessoas infectadas". O vírus teria se espalhado porque os primatas da mata eram vulneráveis: como o vírus desaparece da região na década de 1940, não desenvolveram anticorpos. Logo os macacos passaram a ser mortos por seres humanos que temem contrair a doença. ³O massacre desses bichos, porém, é um "tiro no pé", o que faz crescer a chance de contaminação de pessoas. Sem primatas para picar na copa das árvores, os mosquitos procuram sangue humano.

De acordo com o pesquisador Ricardo Lourenço, do Instituto Oswaldo Cruz, os mosquitos transmissores da doença se deslocaram do Norte para o Sudeste, voando ao longo de rios e corredores de mata. Estima-se que um mosquito seja capaz de voar 3 km por dia. ⁴Tanto o homem quanto o macaco, quando picados, só carregam o vírus da febre amarela por cerca de três dias. Depois disso, o organismo produz anticorpos. Em cerca de dez dias, primatas e humanos ou morrem ou se curam, tornando-se imunes à doença.

Para o infectologista Eduardo Massad, professor da Universidade de São Paulo, o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana (MG), em 2015, teve papel relevante na disseminação acelerada da doença no Sudeste. A destruição do habitat natural de diferentes espécies teria reduzido significativamente os predadores naturais dos mosquitos. A tragédia ambiental ainda teria afetado o sistema imunológico dos macacos, tornando-os mais suscetíveis ao vírus.

Por que é importante determinar a "viagem" do vírus? Basicamente, para orientar as campanhas de vacinação. Em 2014, Eduardo Massad elaborou um plano de imunização depois que 11 pessoas morreram vítimas de febre amarela em Botucatu (SP): "Eu fiz cálculos matemáticos para determinar qual seria a proporção da população nas áreas não vacinadas que deveria ser imunizada, considerando os riscos de efeitos adversos da vacina. Infelizmente, a Secretaria de Saúde não adotou essa estratégia. Os casos acontecem exatamente nas áreas onde eu havia recomendado a vacinação. A Secretaria está correndo atrás do prejuízo". Desde julho de 2017, mais de 100 pessoas foram contaminadas em São Paulo e mais de 40 morreram.

O Ministério da Saúde afirmou em nota que, desde 2016, os estados e municípios vêm sendo orientados para a necessidade de intensificar as medidas de prevenção. A orientação é que pessoas em áreas de risco se vacinem.

NATHALIA PASSARINHO

Adaptado de *bbc.com*, 06/02/2018.

4. (UERJ 2019) Para apresentação das teses que explicam o avanço da febre amarela, a autora do texto recorre, principalmente, à seguinte estratégia:

- referências a dilemas
- alusão a subentendidos
- construção de silogismo
- argumentos de autoridade

5. (UNESP 2022) Carpe diem. É um lema latino que significa, lato sensu, "aproveita bem o dia" ou "aproveita o momento fugaz". Esta expressão tem paralelo em línguas modernas, como no inglês: "Take time while time is, for time will away".

(Carlos Alberto de Macedo Rocha. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*, 2011. Adaptado.)

Tal lema manifesta-se mais explicitamente nos seguintes versos de Fernando Pessoa:

- Hoje, Neera, não nos escondamos,
Nada nos falta, porque nada somos.
Não esperamos nada
E temos frio ao sol.
- A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós-próprios.
- Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
- Sofro, Lídia, do medo do destino.
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
Meu coração.
- Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.

(Enlacemos as mãos.)

6. (PUCCAMP MEDICINA 2022) Considere estes versos do poeta Ferreira Gullar:

Onde está
a poesia? indaga-se
por toda parte. E a poesia
vai à esquina comprar jornal.

Nesses versos sintetiza-se a compreensão de que a poesia

- vive da busca de um repertório que se alimenta nas fontes clássicas.
- é uma interrogação cuja resposta depende do favor das musas e dos mitos.
- se banalizou a tal ponto que já não se encontra em lugar nenhum.
- participa naturalmente de um cotidiano pessoal, comum, dessacralizado.
- vale-se do cotidiano rebaixado para melhor sugerir sua elevação mística.

7. (PUCCAMP 2022) Atente para estes versos de Oswald de Andrade, do poema "Balada do Esplanada":

Pra m'inspirar
Abro a janela
Como um jornal
Vou fazer
A balada
Do Esplanada
E ficar sendo
O menestrel
De meu hotel

Expressa-se nesses versos a convicção de que a poesia

- eleva-se, efetivamente, à altura dos arranha-céus, graças à potencialidade renovada de sua retórica simbolista.
- recupera, no período pré-modernista, a figuração dos ideais republicanos promovidos nas campanhas dos jornais.
- atualiza a importância histórica dos poetas medievais, que voltam a influenciar as bases mesmas da nova estética.
- volta-se, agora, para a representação mais comunicativa da realidade cotidiana, em linguagem próxima da prosa.
- revolucionaria-se radicalmente, apoiada agora num estilo literário mais aristocrático e numa visão transfiguradora da realidade.

8. (UNESP 2022) Examine a tirinha de André Dahmer.



Na tirinha, o personagem que fala ao microfone

- pretende tornar o mundo mais solidário.
- mostra-se empenhado em tornar o mundo menos egoísta.
- está preocupado com a própria sobrevivência.
- mostra-se empenhado na difusão do egoísmo.
- está preocupado em tornar-se menos egoísta.

9. (UNESP 2022) Examine o cartum de Pietro Soldi, publicado em sua conta do Instagram em 11.09.2019.



Depreende-se do cartum que o motorista

- acredita que todas as pessoas estarão extintas em menos de dez anos.
- duvida de que todas as pessoas estarão extintas em menos de dez anos.
- acredita que todas as pessoas estarão extintas em dez anos.
- duvida daqueles que dizem que todas as pessoas irão se extinguir.
- acredita que todas as pessoas estarão extintas em mais de dez anos.

GABARITO (E.I.)

- | | | | | |
|------|------|------|------|------|
| 1. A | 2. C | 3. B | 4. D | 5. E |
| 6. D | 7. D | 8. C | 9. A | |